

# Pastores, Poesia do Passado <sup>1</sup>

De Campos Ribeiro <sup>2</sup>

As colunas da imprensa, todo Natal, aludem à encenação de “peças” natalinas em salões paroquiais, a cargo de pequenos grupos cênicos constituídos de crianças de Catecismo e mocinhas de Confrarias Religiosas.

São piedosas evocações, algumas até razoavelmente escritas e musicadas. Nenhuma, entretanto, de longe ao menos tocada da sútil, a encantadora e ingênua poesia dos pastores de Belém há meio século...

Já por volta de 1905, à época do Natal, quem abrisse pela manhã a **Folha do Norte** encontraria, como nota de atração para o povo, a demanda interessante em que se batiam na conquista das simpatias da cidade os partidos **Róseo e Azul** dos pastoris do tempo, destacadamente um celebrado, grupo das *Brilhantinas*...

O saudoso Marabá (Ildefonso Tavares) e poetas coevos estimulavam diariamente os partidários do **Róseo** e do **Azul**, competição empolgante principalmente para a alma suburbana.

Daquele Natal já hoje nada resta....As gerações de após 1930 dele nada conhecem. Nem imaginar possível lhes é, nos dias utilitários que vivemos, quase tropeçando, aí pelo bairro comercial, com um *Papai Noel* em cada esquina, não é possível supor que maravilhosas, embaladoras de emoções dulcificantes eram as noites de Natal desse passado distante...

Que sedutora, esplendorosa graça! Que envolvente e comunicativa alegria na simplesza das almas adolescentes que em seus papéis enamoravam, nos grupos pastoris, gentes de toda idade, arrastando-as de bairro a bairro, a pé, noite velha, quando já recolhidos os bondes...

*Pastorinhas* de humilde organização, à frente de rústicos presépios, não eram menos queridas em sua modéstia que as de requintado esmero, montagem caríssima... Algumas constituíam-se patrimônio de família, herança que passava de pais a filhos, evoluídas para a apresentação em seus próprios teatrinhos, repletados em sessões seguidas. E comentados, discutidos, comparados no entusiasmo que dividia preferências entre o povo.

Nessa evolução foi pioneiro o bairro do Umarizal. Em 1910, no *Teatro Tália*, à Generalíssimo Deodoro, em frente à Beneficente Portuguesa, as *Belemitas* iniciavam a série brilhante de triunfos que, por anos a fio, lhe assinalaram a existência. Nesse grupo, interpretando um *Lusbel* diariamente destacado pelas colunas de jornal, ganhava seus primeiros louros da vida um menino que mais tarde seria glória de nossas letras: **Oswaldo Orfco**.

Surgiriam, logo a seguir, com seu *Teatro Alegria*, na São Mateus, atual Padre Eutíquio, quase à esquina da Conselheiro Furtado, as *Filhas de Japhet*, grupo famoso cujo dirigentes, os Pontes, eram todos de uma mesma família de artistas, musicistas de escol.

Na Serzedelo Correa, defrontando quase a Gentil

Bittencourt, as *Filhas da Floresta*, de dona Marocas Gurgel, por sua vez completavam o trio de Pastoris exibidos em teatro, inovação pouco mais tarde, no Teatro Moderno, em Nazaré, seguida pelas *Filhas de Flora*, que haviam surgido em 1910, como as *Belemitas*.

Como esses, grupos de precioso bom gosto, porfiando na escolha de suas personagens, ganhavam louvores, já então dividindo os bairros na conquista da supremacia. As *Falenas do Azul*, das Irmãs Egues, à rua dos 48; as *Moreninhas da Cidade Velha*, de Cândido Rocha, à entrada mesmo do Jurunas, na Conselheiro Furtado; e no Umarizal o grupo das *Esmeraldinas*, que as simpatias da cidade elegeriam, logo a seu aparecimento, um dos mais belos e requintados. Pudera! Se ao esmero de dona Chiquinha Navegantes, que o fundara e dirigia, juntavam-se as “pastorais” do grande e injustamente olvidado Cirilo Silva!

O ano de 1914, porém, viria trazer ao Natal novo e deslumbrante êxito teatral, com a apresentação no *Bar Paraense* da grande opereta natalina *O Divino Mistério*. Seu autor, o talentoso e incorrigível boêmio espanhol Mendo Luna, ator, poeta, músico de largos conhecimentos da arte cênica, desaparecido em 1935, depois de festejada atuação nos palcos regionais, tendo inclusive lançado em uma Festa de Nazaré, com sucesso espetacular, a revista de costumes *Repinico-Vobis*, de irresistível comicidade...

Nesse *Divino Mistério*, ainda adolescente se revelaria, num papel de *Rebeca*, *Alzira Moura*, mocinha pobre, filha de pais portugueses, cujo talento a levaria a grandes triunfos no teatro de revistas do Rio de Janeiro.

Casando-se depois com outro amador paraense de teatro, Benito Rodriguez, de seu consórcio nasceu uma garota-revelação do teatro, aí pela década de trinta, Iza Rodrigues, que chegou a ser chamada a *Shirley Temple* brasileira...

Em 1935, pais e filha vieram ao Pará. Integravam uma companhia de revistas do saudoso Francisco Iglesias, a qual lamentavelmente, não teve do nosso público aceitação compensadora... As revistas eram todas de ambiente carioca, suas cenas e piadas não despertaram entre nós qualquer interesse...

Nesse conjunto igualmente voltava ao Pará o inteligente e completo ator português Henrique Chaves, ao tempo também fazendo jornalismo *Na Noite* do Rio.

Chaves por aqui vivera entre 1923 e 24 e com sua companheira francesa, Théo Dorah, fora um par de sucesso, cantando e dançando... A dupla, estrangeira, era algo de

1 Crônica publicada no livro *Gostosa Belém de Outrora*..., composto e impresso na Imprensa Universitária do Pará.

2 **De Campos Ribeiro** - poeta, jornalista. Pertence à Academia Paraense de Letras e a uma geração de intelectuais autênticos ao lado de Bruno de Menezes, Jaques Flores, Abgvar Bastos e tantos outros.

espetacular num maxixe brasileiro, segundo testemunho das gentes que o haviam dançado nas noites já saudosas do *Moulin Rouge*...

Daqui regressando, cheio de esperanças de novas visitas, Chaves não poderia realizar tanto sonho. Uma pneumonia, em Curitiba, lá o levaria à cova.

Mas o êxito de Mendo Luna, em 1914, no ano seguinte estimularia notável homem de letras, o príncipe dos Poetas do Pará, Severino Silva, a encenar no Teatro da Paz o drama pastoral *O Grande Mistério*. Não obteve, entretanto, apesar de sua bagagem cultural, as vitórias de bilheteira que haviam alcançado a opereta do espanhol que, inclusive, pela primeira vez usara a técnica teatral da “metempsicose”, com espelhos em que fazia a aparição do Anjo Anunciador a Maria, em Nazaré...

Nossas pastoris tinham notas originais, possivelmente exclusivas, em certas personagens, desconhecidas nos de outros lugares, por exemplo do Maranhão, que lhes eram os mais aproximados no arranjo.

Tais as figuras da *Estrela*, da *Salvia*, dos *Galegos*... Estes últimos, ninguém explicava o que faziam no ambiente bíblico das pastorais, com seus trajes tipicamente portugueses. E falando, cantando em linguagem de gente minhota ou de terras outras lusitanas...

Os *Galegos*, por sinal, arrancavam aplausos frenéticos ao final de sua “conversa”, cheia de trocas de Vês por Bês, dançando, marcado a catanholas, animado “sarapico” onde sobravam umbigadas, ao sapateado de tamancos bordados,

genuinamente portugueses, ao tempo encontradiços nas sapatarias da cidade...

Era deleitamento inefável para os auditórios, no calor sufocante dos teatrinhos ou comprimidos nas salas de exibição diante de presépios, sobretudo a aparição de três figuras: *Florista*, *Pastora Perdida* e *Cigana*.

A sedução começava na escolha das moçoilas que as interpretavam: moreninhas de olhos quebrados que eram promessas de ternuras inimagináveis, cabelos em cachos ou soltos em cascata, na frente a trunfa à “Maria Stuart” a chamada “estúia” das mulatinhas do Umarizal...

E tinham sempre voz caricosa, quente, caindo na alma da gente como convites de Arcanjos para uma escalada (só Deus o saberia) a estranhas regiões de venturas inebriantes...

Que indício de simpatia, começo de amor, para quem, pondo embora uma triste moeda de duzentos réis no pandeiro da *Cigana* de riso enfeitiçante, das mãos lhe recebia não pobre “Angélica do Ar”, mas fragrante “palmeirão”, a corruptela de uma rosa chamada, certo ou errado, “Paul Neron” ou “Príncipe Negro”...

Não! Daquele Natal nada mais resta senão memória enevoada de melancolias... Até as flores, abundantes, os mosenhores dourados, as pálidas gardênia, os cravos, os ramos de alecrim a que recendiam as graciosas e gentis pastórinhas, tudo, tudo é hoje apenas saudade. Saudade que ressuscita todos os anos, nas almas que viveram aqueles Natais, a ressonância de sua morta poesia...



Foto do álbum da família Bestene - dezembro de 1927. No grupo a Sra. Linda Bestene, tia da professora Nazaré Bestene, da UNAMA